

# Contributos para a Formação d@ Educador(a) numa Perspectiva Freireana Descolonializante: um estudo de caso

João Batista de Albuquerque Figueiredo\*  
Camilla Rocha da Silva\*\*

## Resumo

Este artigo buscou trazer reflexões acerca de uma experiência de formação dialógica freireana com a uma turma de estudantes do curso de Pedagogia de uma Universidade Pública, que viveram a experiência de uma disciplina na qual a proposta de Paulo Freire lhes foi apresentada. Est@s<sup>1</sup> estudantes puderam “dialogar” com a dialogicidade e as vivências de educação bancária que tiveram durante o curso de Pedagogia. Em busca de respostas que potencializassem ações transformadoras, optou-se pela realização de um estudo envolvendo ação-reflexão-ação-reflexão [...], conforme orienta a dialógica freireana. Ainda, esta reflexão ocorreu de forma com-partilhada com @s estudantes parceir@s, que teceram e tecem conosco essa práxis dialógica. Portanto, com este trabalho buscou-se elaborar uma reflexão crítica acerca da relevância de um diálogo que pudesse propor uma articulação entre a Formação do Educador em uma compreensão mais ampla, dialógica e a Educação Popular Freireana. Temos como referências os contributos da Educação Popular Freireana e os Estudos da Modernidade/Colonialidade. Constatou-se o quanto de diferença fazem as oportunidades didático-pedagógicas como as que se experimentou e se degustou com esse grupo-aprendente, encantando-se com o potencial do grupo em sua tomada de consciência, em seus atos-limite e em sua trajetória de ser-mais.

Palavras-chave: Dialogicidade. Paulo Freire. Descolonialidade. Formação Docente Dialógica.

## 1 INTRODUÇÃO AO DIÁLOGO

Este trabalho busca elaborar uma reflexão crítica acerca da relevância de um diálogo que possa propor uma articulação entre a Formação do Educador em uma compreensão mais ampla e a Educação Popular (EP). Uma das suas justificativas decorre do reconhecimento de um quadro social no qual a dimensão política e uma postura desveladora do real se tornam essenciais. Temos como principais referências os contributos da Educação Popular Freireana e os Estudos da Modernidade/Colonialidade, propostos pelo grupo de pesquisador@s latino-american@s que tratam dessa lógica de interpretação dos tempos atuais. Essa leitura de mundo, ao afetar criticamente a dimensão social em um sentido mais amplo, consecuti-

\* Professor-pesquisador do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará; rua Waldery Úchoa, 01; Benfica, Fortaleza, CE; joaofigueiredo@hotmail.com

\*\* Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará; Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará; camilla.pedagoga@hotmail.com

vamente se propaga para diversas áreas do existir humano, como a educação e a própria formação de educador@s. Isto compulsoriamente traz implicações para os processos educativos.

Desse modo, é pertinente pensar uma proposta na qual trazemos como pressuposto a essencialidade da formação docente dialogar com a EP, em seus processos formativos, e, assim, contribuir para uma reaproximação dessas relações que foram, de certo modo, comprometidas pela lógica hegemônica, semente-fruto da colonialidade/modernidade.

Com isso, esclarecemos que este artigo busca trazer reflexões acerca de uma experiência de formação dialógica freireana com uma turma de estudantes do Curso de Pedagogia, que viveram a experiência de uma disciplina na qual a proposta de Paulo Freire lhes foi apresentada. Est@s estudantes puderam “dialogar” com a dialogicidade e as vivências de educação bancária que tiveram durante o curso de Pedagogia.

Em busca de respostas que potencializassem ações transformadoras, optamos pela realização de um estudo envolvendo ação-reflexão-ação-reflexão, conforme nos orienta a dialógica freireana. E, ainda, essa reflexão ocorreu de forma com-partilhada com @s estudantes parceir@s, que teceram e tecem conosco essa práxis dialógica.

Para fundamentar nossa leitura, buscamos os Estudos da Colonialidade/Modernidade (ECM). Vimos também a urgência de contestar a educação bancária, que se manifesta de modo a consolidar esses processos de colonialização, ou seja, subalternização das pessoas (AZIBEIRO, 2002), a ponto de caracterizar uma verdadeira desumanização por meio de procedimentos opressores. Assim, podemos dialogar com Paulo Freire e sua proposta de uma educação descolonizante e libertadora. Com ela, podemos contribuir com a formação docente em um sentido de que noss@s educador@s tenham a oportunidade de desvelar este cenário moderno e encontrar trilhas e rumos capazes de fomentar outra sociedade na qual seja possível amar, como disse Freire (1983), em que seja possível a solidariedade, a parceria, um mundo alicerçado em um projeto de sociedade na qual se compartilha e se tece bens comuns.

Com esse propósito, podemos enveredar na direção de um conjunto de argumentos elencados por estudantes de Pedagogia acerca de uma base dialógica de entendimento, com os quais podemos percorrer um trajeto capaz de ampliar nossa reflexão e potencializar alternativas didático-pedagógicas que avancem com essas contenções inerentes ao ambiente constituído pela modernidade/colonialidade, e assim articular uma Formação de educador@s que carregue uma perspectiva crítica e dialógica própria de uma EP Freireana, em suas matrizes descolonizantes.

## **2 COLONIALIDADE/DESCOLONIALIDADE**

A Colonialidade é fruto da composição da Modernidade e, ao mesmo tempo, constituinte desta. Para trazer esclarecimentos sobre este tema, nos apoiare-

mos nos estudos de Quijano (1991, 2005), Lander (2005), Figueiredo (2009, 2011, 2012) e Walsh (2008).

Esclarecemos inicialmente que a ideia de Colonialidade difere do conceito de colonização, pois este último se caracteriza por “[...] tomar posse do território ou região pertencente a outros; impor valores e normas, lógica, cultura etc.” (FIGUEIREDO, 2011), enquanto a Colonialidade vai além, pois com ela se impõe uma lógica hegemônica sobre as outras culturas, “[...] com o intuito de dominar acima de tudo em seu aspecto cultural, simbólico, imaginário, cognitivo-afetivo.” (FIGUEIREDO, 2011).

Esse termo, Colonialidade, foi designado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, que nos trouxe um conjunto de reflexões e desvelamentos a respeito desse projeto de sistema-mundo fundado na Modernidade, que traz em seus pilares o eurocentrismo, o racionalismo, o antropocentrismo e o sistema capitalista, no qual existe uma lógica que tira, como se fosse possível, a condição humana dos seres humanos que não se enquadram nesses padrões (QUIJANO, 1991; LANDER, 2005).

Walsh (2008), por sua vez, contribui com esses estudos, ao esclarecer que a colonialidade se apresenta por meio de pelo menos quatro áreas ou eixos interligados entre si, que explicitaremos a seguir.

O primeiro destes eixos, a colonialidade do poder, se institui a partir de uma categoria mental originada na modernidade: o conceito de raça. Quijano (2005, p. 107) mostra que com a conquista das Américas, os dominadores europeus estabeleceram um sistema de classificação baseado na hierarquia racial, o que justificou a exploração de indígenas, negros e mestiços. Afirma ele que “[...] a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista.” Este conceito de raça, como nos assevera Walsh (2008), foi imposto sobre toda a população do planeta e logo assumido pelas elites nacionais.

O segundo eixo é a colonialidade do saber, que define uma única lógica de conhecimento: o conhecimento científico eurocêntrico, identificado, sobretudo, à racionalidade cartesiana. Com isso, rejeita-se à existência outras formas de conhecer, pois a ciência passa a ser a única forma de conhecimento válido e verdadeiro. As outras formas de conhecer, dos povos tradicionais e das classes populares, não são somente tomadas como inferiores, mas até como inexistentes.

Mediante esses dois eixos se consolida o terceiro: a colonialidade do ser, que se exerce por meio da inferiorização, subalternização e desumanização dos que não atendem aos padrões europeus de indivíduo civilizado. Os colonizados são considerados seres inferiores, sem alma, bárbaros e diminuídos em sua humanidade.

Há ainda o quarto eixo, apontado por Walsh (2008), a colonialidade da mãe natureza e da vida mesma. Este eixo encontra sua base na divisão natureza/sociedade, o que leva à negação do sagrado e da relação milenar entre os mundos biofísico, humano e espiritual. A colonialidade da mãe natureza justifica a exploração e o controle da natureza não humana, pois esta é vista como mero produto disponível ao consumo humano.

Com a ajuda de Walsh (2008), apoiada por Lander (2005), Mignolo (2005) e Coronil (2005), refletimos acerca da colonialidade em uma compreensão da Colonialidade do Conviver.

A colonialidade afeta diversas dimensões, como a política, economia, cultura, ecologia, ciência, arte, religiosidade, relações cotidianas, familiares e sociais em geral, ou seja, influi diretamente nas relações em todos os sentidos. Aqui, destacamos as relações de poder, que estão imbricadas intensamente nas relações de saber. Com isso, podemos esmiuçar estes processos no contexto das relações micro, relações do cotidiano, relações educativas e didático-pedagógicas.

É importante ressaltar que a colonialidade atua tanto em nível macro quanto micro social, assim, afeta todos os setores da vida humana, inclusive a educação, pois “[...] a escola é um espaço de interações que reproduzem e/ou influenciam a sociedade como um todo.” (FIGUEIREDO, 2011, p. 76).

Walsh (2008, p. 137) corrobora com esse pensamento, quando afirma que:

Esta colonialidade do saber é particularmente evidente no sistema educativo (desde a escola até a universidade), onde se eleva o conhecimento e a ciência europeia como o marco científico-acadêmico-intelectual [...] ao atravessar o campo do saber, a colonialidade penetra e organiza os marcos epistemológicos, acadêmicos e disciplinares.

A crítica à Colonialidade/Modernidade, proposta também por Lander (2005), é exemplificada no campo educativo ao se eleger o perfil do “bom aluno”, caracterizado por uma inteligência lógico-cognitiva associada a posturas de distanciamento afetivo e atitudes competitivas e excludentes. A base do processo educativo formal se institui por meio da reprodução mnemônica.

Ao desvelar essa lógica opressora e desumanizante, é possível pensar em movimentos de descolonialidade, pois como afirma Freire, o primeiro passo para a recuperação da humanização é o reconhecimento da situação de opressão.

Nessa perspectiva, é importante ter em conta igualmente a função descolonizadora da educação. Walsh (2008) nos estimula a buscar a descolonialização, por meio de lutas, ações e pedagogias entretecidas, que possam por em cena outras lógicas e conhecimentos, possibilitando repensar a organização social e o Estado de maneira radicalmente distinta.

Podemos entender a DesColonialização como uma ação de superar a Colonialidade. Esta é possível por meio de releituras de Paulo Freire aplicadas à formação do educador, em uma reflexão acerca da Educação Popular Freireana.

Com a perspectiva freireana, portanto, pode-se compreender a dialética de relações entre os envolvidos no processo de ensinar-aprender, o que permite uma nova forma de enxergar estas relações, possibilitando, assim, a superação das “sombras” resultantes das visões tradicionais que colocam @ professor(a) como

exclusivo detentor do saber. Uma educação dialógica carrega poder de desvelar essa desumanização, subalternização.

### 3 A DIALOGICIDADE FREIREANA

Sabemos da diversidade de importantes contributos presentes atualmente no cenário da formação docente, como as de Nóvoa (1995); a prática reflexiva apresentada por Pimenta e Ghedimn (2002); o professor como pesquisador de sua prática, conforme anuncia Zeichner (2002); a relação dos saberes e experiências para a formação e atuação docente como estudada por Tardif (2002); as novas tendências para a formação permanente propostas por Imbernón (2009), são alguns exemplos. Ainda assim, nos arriscamos a afirmar a pertinência e importância de revisitarmos Paulo Freire e encontrarmos em sua proposta de uma Teoria Dialógica de Ação, aportes que podem ajudar grandemente uma formação docente que atenda aos reclames de uma leitura de mundo mais crítica e desveladora desse quadro colonializante.

A dialogicidade freireana, alicerce da nossa proposta, carrega alguns fundamentos essenciais, sem os quais não pode existir. Inicialmente, Freire (1983) assegura que somente é possível o diálogo se existe um profundo amor à vida, ao mundo e aos seres humanos. Somente com amor, que é um ato de coragem, de compromisso com os homens e as mulheres, pode-se valorizar os seres humanos e contribuir para o processo de reflexão sobre sua realidade e conseqüente transformação desta, possibilitando-@s tornarem-se autor@s de sua história. A pedagogia freireana apresenta-se encharcada de afetividade, o que não exclui a cognoscibilidade nem tampouco interfere no cumprimento ético do dever de professor. Sobre esse pensamento, Freire (1996, p. 143) afirma ainda:

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria prescindia da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.

O amor e a afetividade levam também ao respeito pelos saberes d@s educand@s. Com essa postura de respeito, o diálogo “[...] não pode se reduzir a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tão pouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.” (FREIRE, 1983, p. 91).

É necessário, do mesmo modo, que se tenha humildade, que representa a aceitação d@ outr@, a capacidade de ouvi-l@ afetivamente, o que leva ao respeito por suas ideias, pois apenas assim é possível reconhecer a possibilidade de aprender com @ outr@, com @ diferente, não @ enxergando como inferior por ser diferente. É preciso reconhecer-se também ignorante, pois assim é possível a troca de saberes. Sobre essa questão, Freire (1996, p. 67) reflete:

Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento? Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?

Além do amor e da humildade, é imprescindível para a Educação Dialógica que haja fé nos seres humanos, “[...] fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de *ser mais*, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos [seres humanos].” (FREIRE, 1983, p. 93).

Outro alicerce dessa educação é a esperança, que “[...] está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca.” (FREIRE, 1983, p. 94). É esta esperança ativa que leva à luta por humanização, esperança que incita a ação e impede uma postura de estagnação.

Por fim, Freire defende o pensar crítico, por meio do qual se pode perceber a realidade como processo e não como algo estático. Reafirmando, assim, que o diálogo é o caminho que torna possível a construção do ser mais, pois “Somente o diálogo, que implica um pensar crítico é capaz também de gerá-lo.” (FREIRE, 1983, p. 96).

Cabe salientar que, para nós, Educação Popular não significa educação para pobres, nem mesmo educação que ocorre fora dos muros das escolas e academias, não é apenas educação informal ou não formal [...] Educação Popular é uma opção político-pedagógica.

Ela se constitui como movimento popular que incorpora o movimento pedagógico em uma educação constituída para e pelo povo. Segundo Brandão (1986), a EP se vincula organicamente com a criação de saberes populares, consolidando instrumentos capazes de propor uma outra sociedade.

A EP implica em princípios de valorização da cultura popular, dos saberes populares, do contexto no qual vivem os grupos populares; implica em uma corrente pedagógica e um movimento cultural; implica em assumir as atuais demandas das sociedades (WANDERLEY, 2010).

Desvelada esta ambiência podemos escrever a múltiplas mãos [...] E com esta descrição adentrarmos nas contribuições de estudantes que vivem o ambiente da formação docente em uma Universidade Pública desse País. Est@s estudantes viveram a experiência de uma disciplina na qual a proposta de Paulo Freire lhes foi apresentada. Puderam dialogar com a dialogicidade e as vivências de educação bancária que tiveram durante o curso de Pedagogia.

Para a identificação d@s estudantes durante a análise, utilizamos codinomes, optando por nomeá-l@s por cores, para facilitar a identificação das informações dadas por eles e elas.

## 4 DIALOGICIDADE NO DIÁLOGO COM OS SABERES DE ESTUDANTES EM FORMAÇÃO

Ao fim dessa disciplina, foi proposto a est@s estudantes uma avaliação/reflexão sobre ela, de forma que pudessem se debruçar sobre suas próprias vivências, percepções e aprendizados e, dessa forma, compartilhassem conosco e com @s demais parceiros. Essa avaliação/reflexão se articulou em torno de quatro questões, que envolviam a temática geral da disciplina.

Para nosso diálogo, traremos alguns trechos dos depoimentos dest@s estudantes, articulados em torno de quatro eixos, que correspondem aos temas centrais das questões propostas a el@s. Tomamos a liberdade aqui de confessar que estes relatos muito nos tocaram, pois encontramos reflexões profundas e sensatas, que nos trouxeram alegria em ter vivenciado e compartilhado esse aprender-ensinar.

### 4.1 A DIALOGICIDADE NA PERSPECTIVA D@S ESTUDANTES

Como já dissemos anteriormente, nesta disciplina, além de trabalhar a dialogicidade freireana como conteúdo, ou seja, além de estudá-la, nós também a experienciamos enquanto abordagem didático-pedagógica, como também buscamos tê-la como práxis e referência em todas as nossas relações. Nesse tópico, portanto, abordaremos os depoimentos d@s estudantes acerca de seu entendimento da dialogicidade, baseados nas vivências e estudos.

[...] A dialogicidade é uma forma de ensinar, pensar a partir do respeito e diálogo com os saberes e vivências dos educandos, sobretudo considerando sua realidade, seu contexto sociocultural. Através dela o educador pode ver o educando mais amplamente como ser social e indivíduo pensante. (Estudante Verde) (informação verbal).

Nesse fragmento dialogal podemos ter a percepção de que @ estudante, na vivência da disciplina, pode convertê-la em uma experiência – nos moldes de Larossa (2002), ou seja, pode integrar um entendimento de que diálogo, respeito e valorização do contexto d@s educand@s se associam para potencializar o saber que decorre da experiência feita, saboreada, apreciada e incorporada.

Um diálogo não só crítico, mas principalmente reflexivo. [...] pensar questões tão fortes e muitas vezes disfarçadas que não percebemos. A dialogicidade nos permite dialogar não só com o outro, mas com nós mesmos, com nossos ideais, sonhos e conceitos que levamos durante a nossa formação. A dialogicidade ainda pode gerar, após o ato reflexivo, uma atitude de mudança, seja essa mudança uma ação ou um pensamento. (Estudante Vermelho) (informação verbal).

Nesse trecho do diálogo podemos encontrar uma afirmativa importante ao reconhecimento da relevância da descolonialidade, no sentido de que a dialógica freireana contribui para o desvelar daquilo que se torna invisibilizado por meio dos procedimentos colonializantes, opressores da modernidade. Assim, podemos reconhecer o potencial da abordagem freireana nesse processo de visibilizar, desnaturalizar esses mecanismos subalternizantes da colonialidade e intervir na sua superação.

[...] um ato educativo indispensável para a convivência e formação dos seres humanos, pautado pelo respeito e amor mútuo. Ao dialogar, necessito escutar e refletir sobre o que o outro está expondo. Se a dialogicidade fosse vivenciada em nossa sociedade, certamente nossas relações, modos de vida e indivíduos seriam diferentes do que hoje presenciamos. (Estudante Laranja) (informação verbal).

Aqui, vê-se que @ estudante compreende a dialogicidade como propulsora de transformações tão necessárias à sociedade atual. Portanto, podemos perceber aqui o caráter descolonializante da dialogicidade.

Dialogicidade é a relação e interação entre sujeitos, entre si e entre o conhecimento, onde nenhum sabe mais ou sabe menos, mas possuem conhecimentos que se relacionam e se completam através de uma práxis humanizadora. (Estudante Rosa) (informação verbal).

Nesta fala, percebe-se a compreensão da educação dialógica como uma educação horizontal, em que, embora se reconheça a importância das diferenças, não há um sentido subalternizante que decorre da hierarquização do conhecimento.

[Dialogicidade] implica no respeito, parceria e acreditarmos na capacidade do ser humano em ser mais [...]. O diálogo se faz na interação entre pessoas. (Estudante Índigo) (informação verbal).

Corroborando com o que Paulo Freire afirma, com o nosso entendimento anunciado, a dialogicidade se funda nas relações autênticas e parceiras, na possibilidade de crescimento/humanização.

Discutir e analisar criticamente a realidade em que se vive. O diálogo é desenvolvido a partir dos conhecimentos prévios dos educandos e direcionado para a realidade social, na sua totalidade. Dialogicidade configura-se como a busca de sentido das relações sociais através do diálogo e análise crítica dessa realidade. (Estudante Lilás) (informação verbal).

Dialogando com este diálogo podemos reconhecer a dialogicidade como ação descolonializante, desveladora dos processos subalternizantes naturalizados na sociedade moderna e definidora de sentidos libertadores em uma opção de leitura crítica da realidade social.

Dialogicidade como sendo a troca de saberes e experiências, onde os sujeitos dialogam e aprendem juntos. O saber não parte apenas do professor. (Estudante Branco) (informação verbal).

Aqui, por sua vez, constatamos uma mudança de paradigmas na relação estudante-professor; um destaque para a horizontalidade nas relações dialógicas.

Dialogicidade vai além do simples diálogo, pressupõe uma relação horizontal que deve ser ancorada em princípios como o amor, o respeito, a humildade, a esperança, a fé e a confiança. Um componente indispensável nessa relação é o pensamento crítico, através de temas contextualizados e saberes construídos em parceria, resultando em reflexões sobre o mundo, a realidade das pessoas e o seu papel neste contexto. (Estudante Violeta) (informação verbal).

Nesse trecho, @ educand@ apresenta os fundamentos da dialogicidade, oferecidos por Freire, e ressalta que estes são indispensáveis e inerentes ao diálogo. Além disso, el@ traz ainda um destaque ao saber parceiro e à educação como ato de transformação da realidade.

Pensava ser a dialogicidade um diálogo estabelecido na relação de ensino-aprendizagem, porém, a dialogicidade para Paulo Freire vai além, pois perpassa a própria relação de diálogo, buscando interagir com outros fatores como a realidade, os conceitos e saberes adquiridos em outros espaços. (Estudante Roxo) (informação verbal).

Constatamos aqui uma mudança no conceito de dialogicidade. Observamos uma certa ampliação deste, indo na direção do que Freire define ao reconhecer que diálogo implica em um mais além da simples troca de conversa.

Abrimos um parêntese para explicitar que entendemos que o diálogo implica em um outro paradigma epistemológico, em uma outra lógica política, em um outro modelo de relação em que os seres humanos se fazem em parceria solidária, respeitosa e fraterna. Para haver autêntico diálogo, faz-se necessário um conjunto de pressupostos para o diálogo, um *a priori* para o diálogo, um dever ser dialógico que abre horizontes dialogais e, assim, o diálogo se torna possível [...] Disso decorre um eixo articulador do ser mais com @ outr@, na superação de situações-limites e assunção do inédito-viável.

#### 4.2 PAULO FREIRE

A disciplina trouxe também a possibilidade de @s estudantes conhecerem de forma mais aprofundada a obra e a vida de Paulo Freire, pois antes, muitos del@s somente o conheciam superficialmente, "ouviam falar" sobre ele.

A obra, o nome, o legado de Freire se torna fonte de estudos obrigatória. Os textos de Paulo Freire ainda são pouco estu-

dados nas escolas, faculdades. A [nossa universidade] possui apenas duas disciplinas que discorrem sobre a obra de Freire e ainda são optativas. Vejo isso como uma incoerência. (Estudante Verde) (informação verbal).

Nesse trecho, @ estudante ressalta a importância de a dialogicidade freireana estar presente nos espaços de formação, de educação. El@ destaca que há uma “incoerência” que em seu curso, essencialmente para formar educadores, haja pouco estudo da obra freireana.

[Paulo Freire] merece respeito e reconhecimento. Deveria ser valorizado seus ensinamentos e ser mais propagado no curso de pedagogia. Se muitos conhecessem e seguissem o legado de Paulo Freire, a educação e os educadores seriam totalmente diferentes do que encontramos nos dias de hoje. (Estudante Bege) (informação verbal).

Vemos outr@ estudante ressaltar que ainda há pouca valorização e, consequentemente, pouco estudo sobre a pedagogia freireana. Sinaliza para o potencial transformador de sua proposta, capaz de oferecer uma mudança efetiva na práxis educativa.

Um grande educador. Suas crenças no potencial e na individualidade do outro nos incitam a uma nova visão de homem. Freire destacou aspectos necessários na prática educativa, por isto, concluo que todo educador deve aprofundar seus conhecimentos sobre tal autor. (Estudante Laranja) (informação verbal).

Na fala dest@ estudante, percebe-se o quanto, para el@, a pedagogia freireana contribui para a mudança paradigmática, acerca da concepção de ser humano, de educador(a), de educação. Mais um depoimento que destaca a relevância e a necessidade de estudos da obra e do trabalho de Paulo Freire, especialmente na formação de educadores(as).

Para mim, ele foi corajoso ao criticar a educação bancária e ao mesmo tempo em propor uma educação baseada na liberdade e sem oprimidos, um marco na história. (Estudante Azul) (informação verbal).

Com o comentário dess@ estudante, relembramos o quanto a iniciativa de Paulo Freire foi heroica e corajosa, especialmente por ter acontecido em um momento político e social tão difícil do nosso país. Além disso, aponta o quanto de avançada era para aquela época sua pretensão de romper com a estrutura hegemônica opressora, por meio da dialogicidade.

O maior educador brasileiro, que propõe um modelo educacional que prepara o homem de uma forma que ele pense criticamente. (Estudante Preto) (informação verbal).

Um dos maiores educadores que o nosso país já conheceu. Ele nos orienta a considerarmos os sujeitos como tais, conduzindo-os à consciência de si mesmos e do mundo, levando-os a compreender que somos seres incompletos, inacabados, que a história também é assim e que, portanto, podemos e devemos acreditar na mudança da vida, que se concretizará apenas se nos concebermos e agirmos como indivíduos ativos que somos. (Estudante Cinza) (informação verbal).

Nessas duas falas, @s estudantes ressaltam a importância de Paulo Freire e de sua obra. Sabemos que recentemente, ele foi nomeado patrono da educação brasileira, e isso não é por acaso. O que falta ainda, em nosso entendimento, é que o reconhecimento e as homenagens sirvam para que a dialogicidade freireana adentre o ambiente das salas de aula, bem como todos os lugares em que haja relações educativas, sejam estes formais ou não formais. Que as experiências de educação popular, nas quais se acredita, em geral, que há mais possibilidades e afinidade com a proposta freireana, possam trazer exemplos e inspiração para as escolas e universidades.

Ele tirou a venda que existia em meus olhos. Trouxe para mim o desejo de saber mais, cada vez mais e poder usar esse conhecimento, esse reconhecimento para minha luta pessoal e também para meu trabalho como educadora de tentar levar outras pessoas a tomarem consciência da realidade e assim podermos agir juntos por mudanças, pela real libertação. (Estudante Violeta) (informação verbal).

De uma forma poética, est@ estudante destaca a importância de seu encontro com a proposta freireana, e mostra o quanto esse encontro a transformou, não somente em suas concepções teóricas, mas também a estimulou a transformar suas ações.

#### 4.3 CONCEPÇÃO DE ENSINAR E APRENDER

Outro questionamento, proposto por nós para a reflexão d@s estudantes ao final da disciplina, foi se ela trouxe alguma contribuição ou transformação nas suas concepções dos processos de ensino-aprendizagem.

[...] conhecimento não se transfere, não passa de um para outro, podemos entender o ato de ensinar como uma troca de vivências e saberes entre educador e educando que permitirá ao educando através dessa interação produzir seu próprio conhecimento, ampliando seus saberes. Ensinar e aprender são inerentes a educandos e educadores, pois um aprende ao ensinar, enquanto o outro ensina ao aprender. (Estudante Verde) (informação verbal).

Observamos o quanto est@ estudante compreendeu a proposição de Paulo Freire, ao refletir que a aprendizagem ocorre de maneira relacional, de tal modo

que se ensina ao aprender e se aprende ao ensinar. Assim, a aprendizagem pode ser compreendida como compartilhamento, como parceria, que se faz na relação de forma horizontal.

Certamente minha concepção sobre ensinar e aprender modificou-se. Ensinar exige compromisso consigo e com os outros envolvidos no processo educativo. Ensinar exige comprometimento e politicidade. Vejo que o outro também me ensina a olhar por outros ângulos. Desse modo, aprendo como o outro, pois sei que ele traz consigo bagagem e potencial. (Estudante Laranja) (informação verbal).

Nessa fala, @ estudante demonstra que a vivência com a dialogicidade ampliou sua concepção sobre os processos de ensino e aprendizagem, pois passou a compreender que a educação exige compromisso com a realidade, com a vida! Além disso, el@ pode compreender que @ educador(a), para ensinar, precisa aprender com @s educandos e, que nesse processo, deve contemplar os "saberes de experiência feito" de tod@s @s envolvidos. Destacamos ainda o poder de ampliar a percepção e a representação da realidade, que ocorre ao reconhecer a importância de uma leitura mais ampla, na qual se "olha" por diversos ângulos, observa-se por meio de múltiplas referências, percebe-se em diversos lugares.

Ensinar e aprender é uma relação e interação que acontece entre professor e educando, de forma que não há um único detentor do saber ou do conhecimento, mas ambos colaboram e contribuem para que ambos possam ser mais. (Estudante Rosa) (informação verbal).

Aqui também, @ estudante compreende que a aprendizagem acontece de forma compartilhada; @ professor(a) deixa de ser @ "don@ do saber" e único portador do conhecimento válido. Tod@s, educadores(as) e educand@s, são capazes de aprender e ensinar, como esclarece Freire (1983).

Minha concepção se aperfeiçoou sobre o que é ensinar e aprender. Ensinar é construir junto com os estudantes os conhecimentos necessários e significativos, ou seja, proporcionar caminhos para o objetivo maior: a aprendizagem. (Estudante Azul) (informação verbal).

Aqui, @ estudante demonstra compreender e concordar com o pensamento de Freire, de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as condições necessárias para que cada um e cada uma possa tecer relacionalmente novos conhecimentos, a partir do que já sabe e já conhece.

Envolve todas as dimensões como afetiva, emocional, social etc. O ato de ensinar não consiste em depositar no educando conhecimentos prontos, mas mediar a construção do conhecimento. O aprender, por sua vez, não é reproduzir, e sim

ter autonomia na construção e aquisição de novos saberes. (Estudante Lilás) (informação verbal).

Nesse depoimento, @ estudante ressalta as múltiplas dimensões que compõem o ser humano e que, em consequência, devem ser contempladas pelos processos educativos. Além disso, faz uma crítica à educação bancária e ao seu modelo reprodutivista, que tolhe a autonomia d@s seres.

A partir dessa disciplina pude entender e sentir os atos de ensinar e aprender como algo inacabado e complexo. Todos nós ensinamos e ao ensinar também aprendemos algo novo. Ensinar e aprender para mim não é mais um dogma, e sim uma vivência. (Estudante Branco) (informação verbal).

Interessante aqui o relato dess@ estudante, que destaca que a vivência da dialogicidade perpassa por várias dimensões (o pensar, o sentir, entre outras). Dessa forma, el@ expõe que houve uma mudança em sua compreensão das relações educativas, que deixaram de ser um “dogma”, ou seja, algo que tem que ser feito de um certo modo, de um certo jeito, e passaram a ser entendidas como algo que se constrói, em parceria, incluindo tod@s @s envolvidos nesse processo.

Ensinar e aprender hoje para mim mudou. Ensinar não é mais um processo simples de transmissão de conhecimento. Acredito que para ocorrer verdadeiramente o processo de ensino e aprendizagem temos que levar em consideração nossos alunos e toda a bagagem cultural que eles carregam junto com o contexto que eles estão inseridos. (Estudante Preto) (informação verbal).

Desse modo, aqui @ estudante demonstra que a disciplina contribuiu para a ampliação de sua compreensão acerca das relações de ensino-aprendizagem, que devem incluir a realidade, a bagagem cultural e o contexto d@s envolvid@s.

[...] reforçou em mim a ideia de que os processos de ensino e aprendizagem podem ser utilizados para a transformação social, através do reconhecimento dos sujeitos de aprendizagem como seres inacabados, ativos na construção de seus conhecimentos e necessitados de autonomia e criticidade. Ensinar significa interagir com os aprendentes, a fim de que eles ‘sejam mais’. Aprender não é um processo que acontece de modo passivo e descolado da realidade dos educandos. O aprender refere-se não à aquisição, mas à construção de conhecimentos. (Estudante Cinza) (informação verbal).

Com esse depoimento, podemos perceber o potencial descolonizante da abordagem freireana com foco na transformação social, ao reconhecer os autores/atores sociais como seres inacabados, ativos e atuantes na consolidação de seus conhecimentos, autonomia e criticidade. Além disso, sublinha a interação com @s

aprendentes como via do “ser mais”. Nesse rico depoimento encontramos que aprender é um acontecimento ativo, proativo e associado ao contexto d@s educandos.

Ensinar não é apenas transmitir conhecimento. O educador na verdade deve ajudar na aprendizagem, tentar despertar nos seus alunos o melhor e assim contribuir para um espírito crítico. (Estudante Dourado) (informação verbal).

Podemos verificar nesta fala algo importante que se identifica com a ideia de que o principal papel d@ educador(a) dialógi@ é efetivamente contribuir com o despertar da curiosidade epistêmica, da criticidade enquanto instância desveladora da realidade.

[...] ensinar/aprender pautados no respeito, na amizade, na ética [...] requisitos importantes citados por Freire para exercer um bom trabalho docente, como: humildade, pensar crítico, fazer reflexivo, consciência de que somos incompletos, amor... O que realmente mudou em meu pensamento em relação a essas questões, e que somente alcancei através do pensamento de Freire, foi a tomada de consciência da realidade do mundo e do lugar que ocupo nessa engrenagem disforme. Que, agora, como pessoa, como ser humano e como educadora farei disso a base de minha busca por superação. (Estudante Violeta) (informação verbal).

Nesse relato, a estudante retoma alguns princípios dialógicos freireanos, como a amorosidade, a humildade, a criticidade e a consciência da inconclusão humana. Além disso, ela passou a reconhecer a importância do seu papel social e, em consequência, sua capacidade de agir e transformar e se transformar.

#### 4.4 CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA

Por fim, propusemos que @s estudantes refletissem e relatassem sobre quais contribuições a vivência nessa disciplina proporcionou a el@s, e tivemos relatos muito bonitos e relevantes.

Foi muito importante estudar mais uma vez a obra de Paulo Freire. As discussões em grupo, as apresentações nas aulas me permitiram ver como é relevante ouvir, ver e entender o educando. Foi muito enriquecedor ver o quanto o ato de aprender e de ensinar pode ser dinâmico e vivo. Também foi determinante para a escolha do tema da minha monografia. Desejo que a [universidade] adote novas disciplinas sobre a obra de Freire, pois ainda temos muito que aprender com este homem que viu na sala de aula um mundo que entrava em sala com cada aluno que chegava e que, ao sair, levava outro mundo que se agregava ao seu. (Estudante Verde) (informação verbal).

Para nós, é encantador ver um@ estudante falando da dialogicidade freireana de uma maneira tão bonita e viva, perceber que essa experiência, como a vivência da dialogicidade, em geral, gera transformações tão autênticas [...] E, mais uma vez, desperta atenção para a relevância do estudo e vivência dela, inclusive e especialmente na sua formação enquanto pedagogo.

Julgo de extrema importância minha participação nesta disciplina. No sentido de ter aguçado meu olhar sobre a sociedade, em especial [sobre] a relação opressor e oprimido. Pude constatar que a relação na sala de aula pode ser pautada por diálogo, acordos e respeito, pois foram esses temas que vivenciamos ao longo da disciplina. Acreditar e dialogar com o outro foram atributos que eu adquiri e que espero vivenciar em sala de aula. (Estudante Laranja) (informação verbal).

Est@ estudante enfatiza a extrema importância de sua participação nessa disciplina, ao explicitar que ela lhe aguçou a percepção acerca da sociedade colonializante, opressora. Constata vivencial e experimentalmente que é possível outro tipo de relação em sala de aula, fundada na dialogicidade em que se institui, de modo compartilhado, acordos e se consolida com o respeito mútuo. Reconhece ainda que a fé n@ outr@ é imprescindível enquanto atributo, e que conseguiu adquirir e pretende praticar em sala de aula.

Pude compreender realmente o que é dialogicidade e a importância dela para a formação dos educandos, onde professor e aluno devem buscar a interação para juntos conseguirem ser mais. A importância de uma práxis, não só no ambiente educativo, mas sim no cotidiano das relações que estamos expostos. (Estudante Rosa) (informação verbal).

Aqui encontramos a constatação de que a práxis que se experimenta nos ambientes educativos, em uma perspectiva mais formal, deve também acompanhar nossa práxis cotidiana, pois ensinar-aprender ocorre em diversas situações e em todas elas a dialogicidade oportuniza outra lógica habilitadora de outra sociedade.

Entendi que em muitas situações somos opressores e oprimidos. Os contributos freireanos são muitos na sociedade atual. Foi importante a disciplina para minha vida pessoal e profissional. (Estudante Índigo) (informação verbal).

O reconhecimento dessa peculiaridade hegeliana que nos traz Freire, de que o escravo carrega em si o seu senhor, favorece, nessa tomada de consciência aqui percebida, o processo de descolonização de si e da ressonância social que disso decorre.

Além dos conhecimentos ligados à relação professor-aluno, a maneira como os conteúdos devem ser trabalhados em sala de aula, as competências que devem ser desenvolvidas pelos estudantes etc., acho que adquiri mais consciência social e

política, fundamentais na perspectiva de trabalho freireana. Tais conhecimentos me ajudarão a ter uma prática profissional mais democrática e voltada para a transformação do homem e da sociedade. (Estudante Cinza) (informação verbal).

Nesse relato constatamos a sinalização de que @ estudante passa a identificar que a educação é algo mais amplo do que anteriormente el@ conseguia perceber, pois alcança a dimensão política da educação e seu potencial transformador no sentido de mais consciência social. Oferece-nos ainda uma advertência de que, a partir de Paulo Freire, podemos pensar em práticas profissionais mais democráticas e comprometidas com um mundo mais solidário.

A busca pela verdade em tudo o que acontece ao meu redor, verdade das mínimas mensagens que recebo diariamente, ditas através da televisão, dos jornais, das propagandas, dos livros, das lutas, das pessoas [...] Procuo fazer um exercício de reflexão sobre tudo o que vejo, ouço e até toco, o que para mim é extremamente difícil ainda, para poder saber o que falar e como devo agir. O fazer reflexivo é minha meta a partir de agora. Também aprendi que o problema dos outros não é um problema dos outros, é um problema de todos nós se queremos um mundo melhor. (Estudante Violeta) (informação verbal).

Temos nesse depoimento uma boa reflexão acerca da colonialidade, do poder midiático nesse cenário moderno. Paralelamente, há um realce para o poder da práxis, da atenção crítica. Depõe ainda que a disciplina freireana lhe proporcionou exercícios reflexivos, nos quais o olhar, o escutar, o tocar adquirem uma outra perspectiva que resulta em um outro agir, associado à constante atenção e admiração, capaz de se reconhecer práxis, de um fazer transformador. Finaliza sua fala ao assumir que os problemas alheios devem ser identificados como problemas nossos e, assim, despertar em nós esse sentido de conexão mais ampla, de relações estendidas que incorporam a pretensão de um mundo melhor.

Para mim foi a parte política, acho que através desta disciplina pude reconhecer meu papel na sociedade, a importância de lutar por uma educação de qualidade, e conhecer as reais intenções por trás da educação oferecida nas escolas. Acho que de todos os autores que estudei, Paulo Freire foi o que chegou mais perto da prática. Muitas coisas que estudamos não nos oferecem esta reflexão que pode ser exercida na escola. (Estudante Bege) (informação verbal).

Optamos por trazer ainda este relato no qual o contexto político emerge como parte intrínseca do ato educativo, da práxis educativa. Há uma incorporação de que a escola precisa ser compreendida enquanto instrumento da colonialidade, que carrega em si a possibilidade de ser uma mediadora da descolonialidade, desde que se inscreva nesse movimento freireano, fundamentado na teoria dialógica da ação.

## 5 (DES)FECHAMOS...

Em uma revisita ao âmbito da interação educador(a)-educand@, como potente na superação da microcolonialidade que se alimenta da educação bancária, podemos interagir com estes depoimentos, narrativas, relatos, que nos ajudam a (re)conhecer esta realidade opressora.

Na constatação desse quadro subalternizante, podemos encontrar veredas habilitadoras de ações dialógicas que facultam outras formas de relação, diríamos nós, de reais e autênticas maneiras de relação, pois somente assim de fato há relação. E as verdadeiras relações se constituem por meio do diálogo, da dialogicidade, como nos propõe Paulo Freire.

Compreendemos na dialógica, com estes estudantes, um conjunto de aportes que contribuem conosco para a tessitura desse outro caminho, desse outro caminhar, desse outro caminhante. Assim, assumimos o caminhante que se constitui na relação dialógica com outr@s caminhantes, com outros caminhos e, assim, com outro paradigma de caminhar.

Constatamos o quanto de diferença faz, oportunidades didático-pedagógicas como as que experimentamos, degustamos, com este grupo-aprendente (FIGUEIREDO, 2009). Nos encantamos com o potencial do grupo em sua tomada de consciência, em seus atos-limite e em sua trajetória de ser-mais.

Est@s co-autor@s desse texto, em certa medida, fomentaram e instigaram inúmeras reflexões e práxis delas decorrentes. E, desse modo, aqui chegamos enriquecid@s pela conjuntura que emerge dessas inspirações. E, com elas, pretendemos contribuir com outros diálogos, com outras dialogicizações e outras ações dialógicas pautadas na amorosidade, na fé, na esperança, no desvelar crítico em epistemologias relacionais, dialógicas...

### ***Contributions Training Educator's Perspective on Freirean Descolonializante: a case study***

#### ***Abstract***

*This article seeks to bring reflections on an educational experience Freirean dialogical near a group of students from the Faculty of Education in a public university, who have lived the experience of a discipline in which the proposed Paulo Freire was presented to them. These students were able to "talk" with the dialog and the experiences of banking education they had during the course of Pedagogy. In search of answers empowerment transformative actions, we chose to perform a study of action-reflection-action-reflection ... as guides in the Freirean dialogical. And yet, this reflection was given jointly with partners students who wove us and weave this dialogical praxis. So, with this work we develop a critical reflection about the relevance of a dialogue that might suggest a link between the formation of a broader understanding Educator, Education and Popular Freirean dialogical. We have references to the*

*contributions of Freirean Popular Education and Studies of Modernity / Coloniality. We see how much difference it makes, didactic and pedagogical opportunities as we experience, We tasted along with this learner group. In enchanted with the potential of the group in their awareness in their actions limit in your path be-more.*  
**Keywords:** Dialogicity. Paulo Freire. Descolonialidade. Teacher Training Dialogic.

Nota explicativa:

<sup>1</sup> Com o "@" utilizamos simultaneamente os gêneros feminino e masculino. Em vez de usar os substantivos e complementos nominais no masculino, gramaticalmente correto, utilizamos este símbolo para levantar a questão política e cultural do sexismo de nossa linguagem.

## REFERÊNCIAS

- AZIBEIRO, Nadir Esperança. **Relações de saber, poder e prazer:** educação popular e formação de educadores. Florianópolis: Cepec, 2002.
- BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação popular.** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CORONIL, Fernando. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- FIGUEIREDO, J. B. A. **Colonialidade e descolonialidade:** uma perspectiva eco-relacional. Disponível em: [www.entrelugares.ufc.br/numero4/artigos/joao.pdf](http://www.entrelugares.ufc.br/numero4/artigos/joao.pdf). Acesso em: 21 nov. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Educação ambiental dialógica:** as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina. Fortaleza: UFC, 2007.
- \_\_\_\_\_. Educação e afetividade na relação com @ outr@: contibutos da Perspectiva Eco-Relacional. In: HENZ, Celso Ilgo; ROSATO, Ricardo; BARCELOS, Waldo. (Org.). **Educação humanizadora e os desafios da diversidade.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.
- \_\_\_\_\_. Paulo Freire e a descolonialidade do saber e do ser. In: FIGUEIREDO, J. B. A.; SILVA, M. E. H. (Org.). **Formação Humana e Dialogicidade III:** encantos que se encontram nos diálogos que acompanham Freire. Fortaleza: UFC, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à pratica educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- LARROSA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação,** Campinas: Autores associados, n. 19, 2002.
- LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

NÓVOA, A (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, S. G.; GHEDIMN, E (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder. **Revista 'Perú Indígena'**, Lima, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1991.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado. **Revista Tabula Rasa**, Bogotá, v. 9, p. 131-152, jul./dez. 2008.

WANDERLEY, L. Eduardo W. **Educação popular, metamorfoses e veredas**. São Paulo: Cortez, 2009.

ZEICHNER, Kenneth M. **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

